

## A fixação do verbo *ter* em contextos existenciais

*Dinah Callou e Maria Eugênia Duarte*  
Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq

Este trabalho discute a fixação do verbo *ter* em contextos existenciais no português brasileiro, na fala culta e na fala popular, utilizando para isso os fundamentos teórico-metodológicos da sociolinguística quantitativa laboviana, além de algumas hipóteses derivadas do quadro gerativista de Princípios e Parâmetros.

Na história da língua portuguesa, é possível observar que a presença de uma expressão locativa adjacente e a não-ocorrência de um sujeito contíguo favorecem o uso do *ter* por produzir um certo grau de ambigüidade. Sentenças do tipo *Ali tem muitas pessoas* podiam e podem ser analisadas como 'possessivas' ou 'existenciais', em função da interpretação do *ali* como adjunto ou sujeito de *ter*, da mesma forma que ocorre em sentenças como *Aquela casa tem muitas pessoas* (Lyons, 1979; Freeze, 1992). Parece ter sido esse o caminho para a inserção do verbo *ter* entre os existenciais.

Esse processo de substituição de *haver* por *ter* no português brasileiro encontra-se em estágio mais ou menos avançado, a depender de fatores estruturais, entre os quais se destaca o traço semântico [+/-material] do argumento interno e a forma verbal no presente/passado do indicativo, confirmando os dados históricos de Mattos e Silva (1996, 2002) e Callou & Avelar (2001, 2002), e de fatores sociais, como o nível de escolaridade e o gênero do falante. O peso desses fatores pode ser observado nas figuras 1 e 2, extraídas de Martins & Callou (2002), que apresentam os resultados de análises realizadas com base nas amostras NURC-BRASIL, colhidas nos anos 70.

A Figura 1 mostra a frequência de *ter* segundo o traço semântico do argumento interno, em cada uma das capitais focalizadas pela pesquisa. Note-se que os mais baixos índices de *ter* (e, portanto, o contexto de resistência de *haver*) foram registrados preferencialmente em construções cujo SN argumento interno apresenta o traço [-material]. Observem-se os resultados na terceira coluna em cada bloco, em que o uso de *ter* sofre diminuição em todas as capitais analisadas.

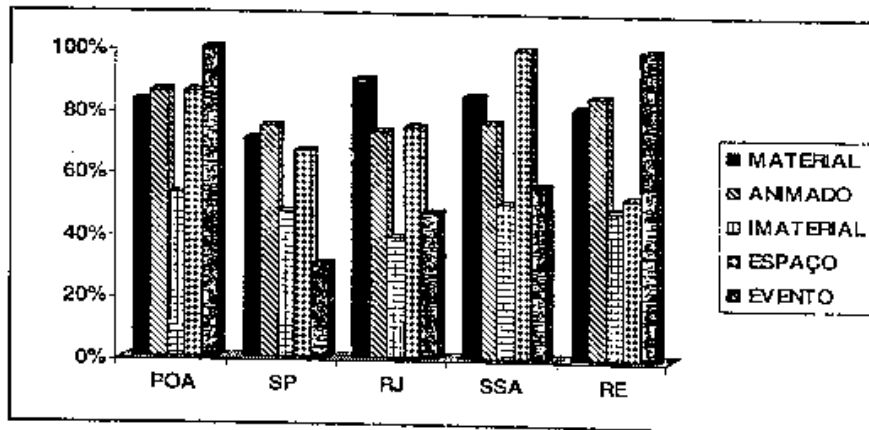


Figura 1 – Frequência de ter-existencial segundo a especificidade semântica do argumento interno (NURC-BR)

Acrescentem-se a essa restrição os tempos verbais do sistema pretérito, sugerindo que *haver* funcionaria como verbo típico de narração (Callou & Avelar, 2001). Veja-se a ocorrência de *haver* em (1) e (2) em relação a *ter* em (3):

- (1) “depois **houve** um crescimento demográfico muito grande”(fala culta-São Paulo)
- (2) “**há** pessoas que, quando se vêm nessas situações, gostam de frisar...”(fala culta-Salvador).
- (3) “**tem** filmes por exemplo que eu já assisti e que eu me lembro de certas partes.” (fala culta-Porto Alegre)

A figura 2 mostra os pesos relativos obtidos para o uso de *ter* segundo a faixa etária dos falantes. Observa-se uma curva de mudança em progresso em São Paulo, Recife e Rio de Janeiro (menos nítida), com os mais jovens (faixa 1) apresentando peso relativo mais alto. Por outro lado, Salvador e Porto Alegre apresentam uma curva sugestiva de variação estável, diferenciada, no entanto, pelo comportamento da faixa média, que, no primeiro caso, vai no sentido de aumento de *ter* e, em Porto Alegre, no sentido de leve retração de uso.

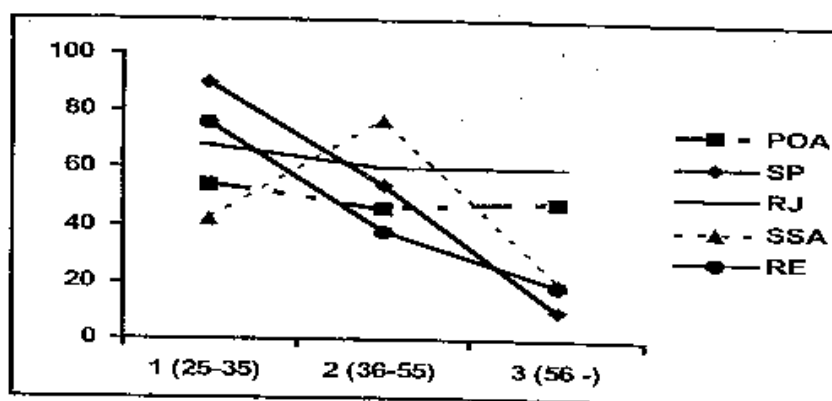


Figura 2 – Uso de *ter* por faixa etária em cada cidade (NURC-BR).

Foi possível ainda constatar que as mulheres utilizam mais *ter* que os homens, com exceção de Salvador, como mostra a Figura 3, o que está em consonância com a curva de variação estável obtida para Salvador na Figura 2.

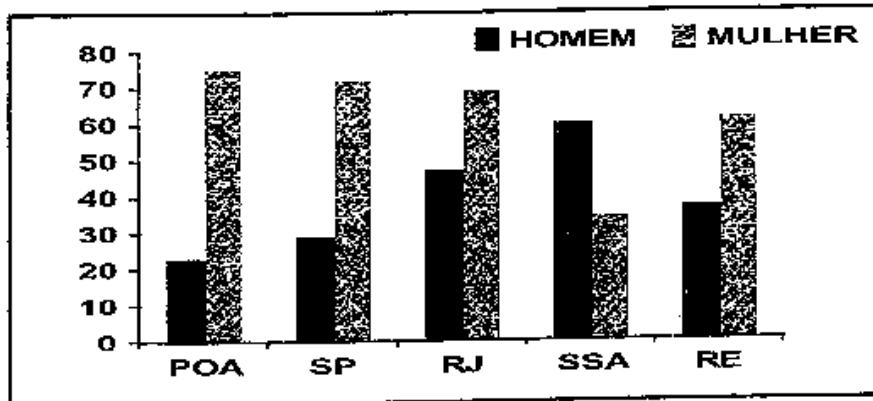


Figura 3 – Uso de *ter*-existencial por homens e mulheres em cada cidade (NURC-BR)

A comparação entre as cinco cidades deixou evidente que a tendência ao uso de *ter-existencial* em lugar de *haver*, na fala culta, é geral no Brasil, embora o peso relativo de aplicação da regra varie. São Paulo é a cidade que apresenta o índice mais baixo e Porto Alegre e Salvador, os mais altos. A análise mostrou ainda que o uso de *ter-existencial* obedece aos mesmos condicionamentos lingüísticos e sociais.

Passemos aos resultados de um Estudo de Tendência (Labov 1994), que examina a mudança no tempo real de curta duração, focalizando a fala carioca culta (Callou & Avelar 2001) e popular (Duarte, 2003a), a primeira representada por duas amostras do NURC (colhidas nos anos 70 e 90) e a segunda, por duas amostras do PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (colhidas em inícios dos anos 80 e no ano 2000), com falantes com quatro, oito ou doze anos de escolaridade. A tabela 1, que apresenta os percentuais para o uso de *ter* nas duas variedades, nos dois períodos, permite concluir que sua fixação na fala popular está praticamente concluída, embora estável no período analisado. A fala culta revela índices mais baixos, porém é significativo o aumento de onze pontos percentuais no uso de *ter* no espaço de cerca de vinte anos que separa as duas amostras<sup>1</sup>.

NURC (fala culta)		PEUL (fala popular)	
Anos 70	Anos 90	Anos 80	Ano 2000
504/784	502/654	1150 / 1692	1278 / 1149
(65%)	(76%)	(92%)	(94%)

Tabela 1. Uso de *ter* (vs *haver*) na fala carioca culta e popular em dois momentos

<sup>1</sup> Em Salvador (Martins & Callou, 2002), houve um acréscimo de doze pontos percentuais, de 74% para 86%, o que mostra que esse aumento progressivo atingiu outros pontos do Brasil.

Quando se examina o uso de *ter* por faixa etária, exibido nas tabelas 2 e 3, é possível confirmar a um só tempo a mudança, observando-se o comportamento dos mais jovens em ambas as variedades, e o papel da escola na resistência de *haver*. Os resultados para *ter*, na tabela 2, nos dão a medida dessa resistência e da importância da conjunção dos fatores escolaridade e faixa etária. Enquanto os mais jovens praticamente não apresentam ocorrências de *haver*, os falantes cultos com mais de 55 anos ainda apresentam uma taxa de uso de 40% nos anos 70 e de 33% nos anos 90. O mesmo caráter conservador da fala dos mais velhos pode ser observado na fala popular (15% de *haver*), embora com diferenças percentuais menores.

Faixa etária	Amostra 70	Amostra 90
25-35	214/267 (68%)	228/232 (98%)
36-55	158/261 (60%)	177/217 (68%)
56 ...	153/256 (60%)	137/205 (67%)
<b>Total</b>	<b>504/784 (65%)</b>	<b>502/654 (76%)</b>

Tabela 2. Distribuição de *ter* por faixa etária – Fala culta

Faixa Etária	Amostra 80	Amostra 2000
7-14	138 / 139 (99%)	188 / 188 (100%)
15-25	548 / 571 (96%)	365 / 384 (95%)
26-49	442 / 458 (96%)	224 / 224 (100%)
50 em diante	442 / 524 (84%)	301 / 353 (85%)
<b>Total</b>	<b>1150 / 1692 (92%)</b>	<b>1278 / 1149 (94%)</b>

Tabela 3. Distribuição de *ter* por faixa etária – Fala popular

A análise dos fatores estruturais que contribuem para a manutenção de *haver* mostrou a importância do traço semântico [-material] do argumento interno e dos tempos verbais do sistema pretérito, confirmando os resultados obtidos com as amostras NURC-Brasil.

Uma evidência de que o uso de *ter* já invade a escrita padrão está nos índices encontrados em jornais cariocas de circulação nacional, dirigidos a um público considerado de classe A, que variam entre entre 23% e 33% segundo o gênero textual, como se vê na tabela 4 (Duarte, 2004).

Opinião	Reportagem	Crônica
72 / 319	92 / 393	95 / 304
22%	23%	33%

Tabela 4. Implementação de *ter*-existencial na escrita-padrão

Esses índices crescem se se consideram outros tipos de jornais dirigidos a outras camadas sócio-econômicas, podendo variar entre 40% e 60% (Rocha, 1999).

Um último aspecto a considerar pode ser traduzido na seguinte pergunta: o que poderia estar por trás dessa eliminação gradual mas regular de *haver*? Se se leva em conta a preferência do português brasileiro por sujeitos referenciais expressos (Duarte, 1995, 2003c) e as propriedades das línguas de sujeito nulo, não se pode deixar de levantar a hipótese de que as estruturas com *ter* são as que mais facilmente permitem transformar sentenças impessoais em pessoais. As amostras analisadas revelam que, de fato, as sentenças pessoais com *ter* começam a ocorrer com maior frequência, exibindo, mais do que SNs, como se vê em (4), pronomes diversos em posição de sujeito, com se vê em (5)-(7):

- (4) “o **Brasil** não tem nenhum político” (fala popular-RJ)
- (5) “ah, eu ia pra Itália, que **eu tenho** muitas coisas pra ver lá” (fala popular-RJ)
- (6) “a vizinhança é ótima. **Nós temos** vários comércios, **temos** mercado, **temos** feira, **temos** feirinha” (fala popular-RJ)
- (7) “hoje **a gente tem** um grupo, uma parte da igreja, que está comprometida” (fala popular-RJ)

Em alguns casos, pode-se mesmo aceitar o caráter [+referencial] do pronome, embora a idéia de “existência” prevaleça sobre a de “posse”. Outros casos, entretanto, levam a suspeitar que o pronome envolvido seja [-referencial], podendo ser tratado como um possível expletivo (Duarte, 1997, 1999, 2003b; Avelar, 2003, 2004), como em:

- (8) “**você não tem** mais comércio no centro da cidade” (fala culta-RJ)

Observe-se nos exemplos a seguir que, entre *você* (definido), em (9), *ocê* (indefinido), em (10), e *ocê* (expletivo?) em (11), há uma nítida escala de referencialidade:

- (9) “**você** tocou num negócio... **Você** falou que **você** ‘tá morando...” (fala culta-RJ)
- (10) “**você** quando **você** viaja, **você** passa a ser turista. Então **você** passa a fazer coisas que **você** nunca faria no Brasil” (fala culta-RJ)
- (11) “lá não é como no Rio de Janeiro, que **você** em cada esquina, **você tem** um bar pra **você** lancha” (fala popular-RJ)

O limite entre *você* referencial indefinido e *você* não referencial é, às vezes, tão tênue, que os dois usos se confundem e classificamos o “*você*” que ocorre em (11) como um sujeito indeterminado. Ora, o sujeito de “viajar” em (10) é argumental; em (11), porém, seria estranho pensar que “*ter*” projeta um argumento externo.

Dados da língua oral confirmam que o sistema vem tomando cada vez mais freqüente o emprego de formas “aparentemente expletivas” na posição de sujeito do verbo *ter* existencial, como se pode verificar na Figura 4, a partir de dados de fala culta. Observe-se a linha que representa a amostra mais recente. A faixa etária mais jovem

exibe um expressivo aumento no uso de “você” nas sentenças com *ter* existencial. (Lembremo-nos de que esses falantes não apresentaram uso de *haver*.)

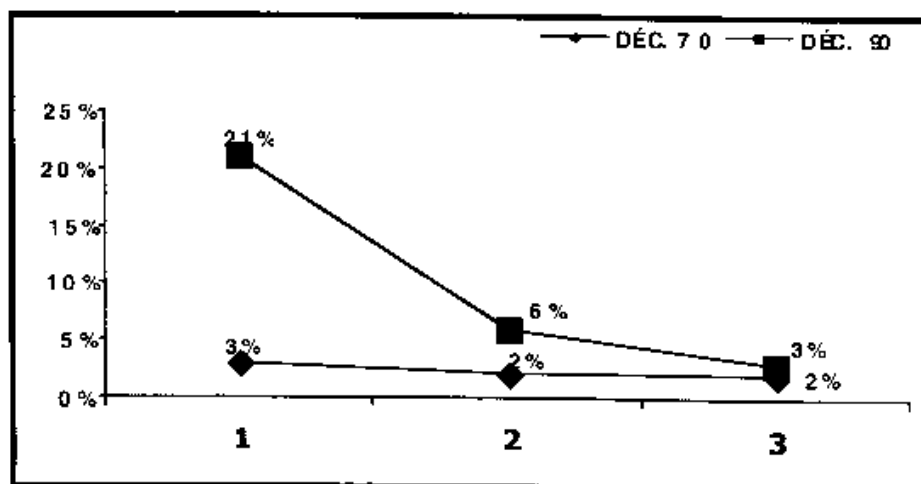


Figura 4: Distribuição de uso de *você*, nas décadas de 70 e 90, por faixa etária, na fala culta. (Callou & Avelar, 2001)

Assim, a eliminação de *haver* pode estar sendo facilitada pelo fato de essa forma verbal não dispor de um *locus* para a inserção de um sujeito fonético, diferentemente de *ter* que, como um verbo possessivo, apresenta essa propriedade. Parece estarmos, pois, diante de uma mudança “encaixada” numa matriz de concomitantes lingüísticos, que ocorre no sistema de uma forma não casual (Weinreich, Labov & Herzog, 1968), fornecendo-nos importantes elementos para o estudo da mudança lingüística, além de subsídios para a discussão das propriedades normalmente associadas ao Parâmetro do Sujeito Nulo (Chomsky, 1981).

### Referências Bibliográficas

- AVELAR, J. 2003. *Teer, aver, seer e star no português antigo*. (mimeo)
- . 2004. *Dinâmicas morfossintáticas com “ter”, “ser” e “estar” em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Campinas/UNICAMP.
- CALLOU, D. & Avelar, J. 2001. Sobre *ter* e *haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. In: *Gragoatá*, 9. Niterói, Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal Fluminense.
- . 2002 “Estruturas com *ter* e *haver* em anúncios do século XIX”. In: Alkmim, T. (org.) *Para a história do português brasileiro*, v. III – Novos estudos. São Paulo/USP: Humanitas, 47-68.
- CHOMSKY, Noam. 1981. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- DUARTE, M. E. L. 1995. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese de Doutorado. UNICAMP, Campinas.

- DUARTE, M. E. L. 1997 A Sociolingüística Paramétrica: perspectivas. Comunicação apresentada no I Simpósio de Estudos Lingüísticos. João Pessoa, PB.
- 1999. A sociolingüística Paramétrica: Perspectivas.(1999) Dermeval da Hora & E. Christiano (orgs.) *Estudos Lingüísticos:realidade brasileira*. João Pessoa: Idéia.107-114.
- (2003a). O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: C. Roncarati e J. Abraçado (orgs.). *Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 123-131.
- 2003b. A posição do sujeito expletivo no português do Brasil: estratégias para seu preenchimento. Relatório final de pesquisa ao CNPq.
- 2003c A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: Paiva, M. da Conceição & Duarte, M. Eugênia L. (orgs.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj. 115-128. 2003.
- 2004 Sujeitos referenciais e não referenciais na escrita padrão. Relatório parcial de pesquisa ao CNPq. Junho, 2004.
- FREEZE, R.(1992). Existential and other locatives. In: *Language*. V. 68/3. Linguistic Society of America / Waverly Press Inc, Baltimore.
- LYONS, J. (1979). *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo. Editora Nacional.
- MARTINS, L. & Callou, D. 2002. *Variação e mudança na fala culta do Rio de Janeiro e de Salvador: ter e haver em construções existenciais*. CELSUL, Florianópolis, mimeo.
- MATTOS E Silva, R. V. 1996. A variação haver/ter. In: Mattos e Silva, Rosa Virgínia (org.). *A carta de Caminha*. Salvador: Ed. UFBA.
- MATTOS E Silva, R. V. 2002. *O português quinhentista*. Salvador. Edufba / UEFS.
- ROCHA, A. L. *et alii*. 1999. *Ter e haver em estruturas existenciais*. Faculdade de Letras/UFRJ. (mimeo)
- WEINREICH, U., Labov, W. & Herzog, M. (1968) 'Empirical foundations for a theory of language change'. In W. Lehman & Y, Malkiel (eds.), *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 97-195.